

# UMA CICATRIZ, UM INFERNO E UMA MEIA: IMAGENS, FIGURAS E TRANSFORMAÇÕES NA REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE PELA LITERATURA OCIDENTAL

**Eduardo Rodrigues Peyon**  
(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

**RESUMO:** O artigo tem como ponto central a discussão de três capítulos da obra *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental* (2021 [1946]), de Erich Auerbach e os debates empreendidos na disciplina *História da Literatura, da Arte e Sociedade* no primeiro semestre de 2024, quando o autor, oriundo de uma trajetória em outro campo do conhecimento, a Psicologia, iniciou seu percurso na graduação em Letras, deparando-se com novas perspectivas e olhares, mas apontando também os frutos de seu percurso anterior, num diálogo frutífero. De forma sumária, é apresentado um percurso da formação e transformação dos modos de representação da realidade pela literatura ocidental sob um olhar crítico.

**Palavras-chave:** literatura; representação; realidade.

Após 25 anos de formado como psicólogo, e com um percurso tão atabalhado como plural e multi-inter-transdisciplinar nas relações entre a psicanálise e os campos variados - como a epistemologia, a poesia, a linguística, a ergonomia e a saúde do trabalhador — iniciei o curso de *Letras-Língua Portuguesa e Literaturas* na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Ao adentrar território estrangeiro, tive a agradável surpresa, e mesmo a alegria, de encontrar um espaço onde as contribuições que pude propor, a partir das minhas elaborações acadêmicas e pessoais, foram bem acolhidas, no melhor sentido do hospedar o outro que chega e de dialogar com ele de forma honesta e respeitosa. Nesse contexto, uma das disciplinas iniciais que cursei foi *História da Literatura, da Arte e Sociedade*, ministrada pela docente Lúcia Ricotta Vilela Pinto, cuja formação também multidisciplinar, a grande erudição e, simultaneamente, a transmissão afetiva e entusiasmada do conhecimento foram, e continuam sendo inspiradoras para sustentar um novo caminho pelas letras, nossas velhas (ou não tão velhas) companheiras de viagem na Terra.

A cadeira teve como fio condutor a inescapável obra de Erich Auerbach: *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. O texto que aqui segue é a transcrição da prova que realizei para a referida disciplina ao final do semestre de 2024.1, com mínimos ajustes ortográficos e a inclusão das referências bibliográficas de forma mais precisa. Manteve-se, assim, a tensão da escrita de uma prova, sob a pressão do tempo e ao final de um semestre de estudos, na qual muitas vezes as

informações ainda estão em processo de assimilação e acomodação, especialmente por tratarem de questões anteriormente formuladas, e talvez respondidas com base em outros autores e de outros campos do conhecimento. Segue o texto produzido como resposta à prova, que teve suas questões formuladas pela docente em relação a 3 capítulos essenciais na obra de Auerbach: “A Cicatriz de Ulisses”, “Farinata e Cavalcante” e “A Meia Marrom”, este último sendo o capítulo final de *Mimesis*.

## I.

Para compreendermos a distinção que Erich Auerbach tece entre o Realismo Lendário de Homero e o Realismo Histórico que ele identifica no Velho Testamento, é preciso, inicialmente, expor em linhas gerais a origem e os objetivos de sua obra “*Mimesis*”.

Nascido em Berlim no ano de 1892, mesmo ano de nascimento de Walter Benjamin, Erich Auerbach trilha um caminho de enorme erudição, tornando-se talvez o maior latinista de sua época. Simultaneamente, ele testemunha o apogeu e a crise do Projeto da Modernidade, atravessa a Primeira Guerra Mundial, conhece o horror da guerra moderna — de escala industrial — e também a ascensão do Nazifascismo na Europa. Vítima das perseguições antissemitas do governo nazista alemão, ele seguiu para o exílio em Istambul, onde assumiu uma cátedra na universidade local em 1936. Auerbach nunca mais retornaria ao seu país natal.

É na Turquia, distante das bibliotecas europeias, no Oriente, que ele constrói essa obra colossal que percorre as formas de representação da realidade na literatura ocidental desde as suas origens. O capítulo “A Cicatriz de Ulisses” é a abertura de sua longa, erudita e ambiciosa obra, na qual por meio de excertos selecionados, Auerbach apresenta as figuras e os momentos principais desse caminho de formação, fazendo uma análise histórica e crítica das formas de escrita, evidenciando com profundo conhecimento as suas transformações.

A “Odisseia” de Homero é uma longa poesia épica, escrita em verso hexâmetro dactílico, característica formal do Estilo Alto na Antiguidade Clássica. Nela é narrado o retorno do herói Ulisses, o engenhoso, para Ítaca, após a Guerra de Tróia. Ulisses é auxiliado pela deusa Atena e atrapalhado pelo deus Poseidon. Toda saga epopeica do

herói, em que pesem suas virtudes (*Areté*) e sua honra (*Timé*), é definida pelos deuses olímpicos. A poesia épica narra ações em primeiro plano, o tempo é sempre o presente em que se passa a ação. Não existe um segundo plano, e o leitor recebe todas as informações de forma objetiva e direta. Assim, não existe tensionamento, e o que se sente ao lermos a Odisseia, e especialmente a explicação sobre a origem da cicatriz de Ulisses, é o que Auerbach nomeia um “efeito retardador”. As explicações em primeiro plano eliminariam a tensão e o suspense.

O mundo de Homero é um mundo fechado e a ação é definida pelos deuses e daimons. Essas características do Realismo Lendário afastam as narrativas homéricas da vida do ser humano comum. O público de Homero é a elite grega, e os indivíduos escravizados aparecem na história sem vida própria, como Euricleia, antiga serva da família nobre que reconhece a cicatriz. Ainda que autores da importância de Theodor Adorno & Horkheimer (1944) percebam em Ulisses as primícias do indivíduo moderno, o que temos predominantemente na Odisseia é um mundo de deuses e de heróis, dominado pela ação dos grandes guerreiros, realizada em primeiro plano, sob um efeito retardador, isto é, sem tensionamento, sem mistério.

Auerbach aponta características e efeitos muito distintos no texto do Velho Testamento. O episódio de Abraão e o sacrifício de seu filho Isaac é marcado pelo mistério, pela tensão e por camadas de dúvida que remetem o leitor a uma dimensão emotiva. O Deus do Velho Testamento é uma voz sem figura, que ordena por meio de informações vagas e imprecisas. Existe algo implícito que coloca a fé do leitor em questão, bem como a de Abraão. Para Auerbach, esse cenário aproxima esse relato da historicidade humana. Abraão tem uma vida que pode ser contada de forma mundana e comum, diferentemente de Ulisses, por isso Auerbach identifica aí um Realismo Histórico. Vale sublinhar o papel que ele identifica no Cristianismo: de aproximação da escrita do ser humano, do homem em sua cotidianidade. Jesus Cristo era filho de Deus, mas também um refugiado errante, e seus apóstolos compunham uma turba de pessoas pobres e desvalidas, os quais jamais teriam espaço na Poesia Épica, a não ser talvez como meros acessórios dos heróis guerreiros.

Podemos afirmar que o caminho de representação da realidade na literatura europeia começa nessa passagem do mundo helênico, um mundo de ações heroicas

empreendidas por homens escolhidos pelos deuses, membros da elite socioeconômica, para o mundo do Velho Testamento, e mais ainda no Novo Testamento, quando pessoas comuns passam a ter uma relação com Deus, atravessada pelo mistério e pela fé.

## II.

A figura de Dante Alighieri, pai da língua italiana, é fundamental na transição da Idade Medieval para o Renascimento europeu. Nascido em Florença, em 1265, Dante estava no centro do mundo de seu tempo, marcado pela decadência do poder papal e do Império Romano. Ao escrever *A Divina Comédia*, Dante é revolucionário (segundo Auerbach, ele teria operado um milagre), pois usa o vernáculo vulgar; mescla os estilos, a Épica, a Sátira e a Comédia; utiliza o verso em tercetos (“Terza Rima”) no Doce Estilo, criado por ele e seus parceiros de poesia (entre eles Guido Cavalcanti), bem como faz usos da linguagem como o “Ó tu que” ou o “Então” (*Allor surse*) de forma inédita.

Dante utiliza os lugares cristãos do Inferno, do Purgatório e do Paraíso para construir seu grande poema. São 100 cantos divididos em 34 no Inferno, 33 no Purgatório e 33 no Paraíso. Vale dizer ainda que ele escreveu a obra no exílio, após ter sido expulso de Florença acusado de corrupção, mas efetivamente por questões políticas. Dante pertencia ao grupo dos guelfos, e lutara contra os gibelinos (grupo político de Farinata, como veremos), tendo enfrentado dissidências políticas.

O Canto X do Inferno intitula-se “Farinata e Cavalcanti”, e é a partir dele que Auerbach constrói sua análise. Algumas características do texto, tanto de seu conteúdo como de sua forma, fazem Auerbach citar Hegel e a análise deste filósofo sobre *A Divina Comédia*. O Canto X se passa no 6º Círculo do Inferno, onde os hereges habitam suas tumbas. Dante indaga seu guia, o poeta Virgílio, se poderia falar com os mortos. Nesse momento, Farinata reconhecendo o acento de Dante, típico da região da Toscana, o interpela usando a fórmula “Ó tu, toscano”. O Canto se divide em quatro cenas e o estilo, conforme Auerbach, é comutativo e não paratático. Existe, assim, uma tensão entre as cenas, por meio das quais reconhecemos o caráter de Farinata, um

homem embrenhado nas questões políticas, e o de Cavalcante, um pai preocupado com o destino de seu filho, Guido, amigo de Dante.

Farinata e Cavalcante estão ambos mortos, mas “o agir e sofrer humanos” — e, principalmente o fato de serem homens tomados em sua história individual — são narrados por Dante com todas as inovações formais já citadas acima, mas especialmente na língua vulgar: o italiano, que ele eleva como língua ao criar uma obra magnânima e mesclar os estilos alto e baixo. Dante, desta forma, situa as dores e contradições humanas ao nível do sublime. Se Farinata e Cavalcante são espectros aprisionados no Inferno, suas memórias individuais surgem como matéria de uma obra que é comédia, mas também é sublime. A emoção é dirigida pelos homens, pelas pessoas, contemplando o humano. Ainda que o cenário seja construído a partir das narrativas clássicas e bíblicas, Dante mescla o elemento pessoal, a dor e a delícia singular, e abre caminho para o Humanismo Renascentista.

### III.

Virginia Woolf escreve a sua obra em um contexto histórico caracterizado pelo desmoronamento do Projeto da Modernidade. As bases iluministas da democracia liberal europeia foram profundamente abaladas pela eclosão da Primeira Guerra Mundial e, posteriormente, pelo surgimento de seitas e fanatismos, que acabaram sendo capturados pelo Nazismo e pelo Fascismo. Walter Benjamin (1936), contemporâneo de Auerbach, que se suicidou enquanto fugia do exército nazista, descreve sua época como um período de fragmentação da “Experiência” (*Erfahrung*). A industrialização inseria novos ritmos produtivos, e a guerra, de novas proporções, alcançava um horror sem precedentes, emudecendo quem o vivenciou. Era necessário inventar novas palavras para tentar descrever esse horror. A Tradição Iluminista-Humanista, seu vocabulário e modos de construção da realidade cotidiana, não dava mais conta das “Vivências” (*Erlebnis*) e Benjamin o considerou como uma ruptura do fio da Tradição. Desta forma, os valores do individualismo burguês cristão estavam sob questionamento.

A escrita polifônica de V. Woolf, com múltiplas camadas narrativas e com diversos, e por vezes confusos, narradores, conseguiu com genialidade representar

essa realidade fragmentária e decadente da Pólis do período Entreguerras. As sucessivas interpolações, com narradores incertos, e com ausência ou perda de referências espaço-temporais precisas, fazem emergir o mundo interior e uma consciência pluripessoal. A tristeza inexplicável(?) de Mrs. Ramsay torna-se um enigma explorado até os confins dos espaços subjetivos.

No trecho destacado por Auerbach, situado na primeira parte do romance *Ao Farol*, intitulada “A Janela”, Mrs. Ramsay tece uma meia marrom para presentear o filho do faroleiro. Seu filho mais novo, James, de 6 anos, está servindo de modelo para ela calcular o tamanho da meia. Contudo, o fato objetivo é insignificante e perde a hegemonia diante dos espaços subjetivos. A tessitura da meia é um evento ordinário, distante do mundo de feitos extraordinários de Homero, mas esse evento banal serve como base para uma sucessão de fluxos de consciência. Auerbach (2021 [1946], p. 574) identifica a voz de Woolf no trecho que se inicia com “Nunca ninguém pareceu tão triste”, mas ela é apenas mais uma das vozes que especulam sobre a tristeza de Mrs. Ramsay. Na sequência, Mr. Bankes, um dos personagens e amigo de Mrs. Ramsay, aparece numa conversa telefônica com ela, e, assim, pensamentos aleatórios e sem conexão direta entre si se sucedem.

Afirmar que o autor controla seu texto e define uma ordem causal das ações parece não caber em obras como as de Virginia Woolf e James Joyce. Woolf não é mais a senhora de sua obra, ainda que seja a autora. Lembramos que alguns anos antes, Freud (1976, p. 178) afirmara que “o eu não é senhor na própria casa”. Ora, em um texto com tantas camadas subjetivas, a narração se complexifica numa pluralidade de vozes e de memórias. De toda forma, esse destaque da vida ordinária e essa decifração do mistério individual aproximam ainda mais a literatura da vida comum. Nesse sentido, podemos postular que a representação da realidade na literatura ocidental caminhou na direção da perspectiva mais individual, ordinária e subjetiva, abandonando ou restringindo o domínio das perspectivas do heroico e do sublime, que faziam da realidade um espaço exclusivo das classes dominantes e de suas temáticas sublimes. Ao menos, é nisso que acreditava Erich Auerbach.

### **Referências Bibliográficas:**

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985 [1944].

AUERBACH, E. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2021 [1946].

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994 [1936].

FREUD, S. Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976 [1917], v. XVII.